

Devolver, Compartilhar ou Restituir? Entre Fluxos de colecionamento de imagens e a construção de narrativas etnofotográficas no litoral norte da Paraíba¹

Yuri Schönardie Rapkiewicz
Doutorando em Antropologia (PPGA/UFPB)
Bolsista FAPESQ

1. Introdução

Um aspecto a se considerar, (...) é de que as coleções têm potencial de se tornar patrimônios culturais. Os elementos destacados de experiências colecionistas permitem afirmar que as coleções constituem marcações individuais de um ciclo de vida, ou de passagem desses ciclos, mas podem se constituir em marcações coletivas de uma ilusão social, ou marcações simbólicas. (LOPES, 2017, p. 87)

Neste texto ensaístico, relatamos algumas das preocupações e deslocamentos epistemológicos que culminaram no âmbito deste estudo etnográfico de doutoramento em Antropologia (em fase desenvolvimento), que dedica-se a investigar as práticas e os fluxos de colecionamento de imagens em Rio Tinto - PB, uma cidade universitária, que possui uma latente ancestralidade fabril e indígena. Buscando compreender como os “quadros de experiências colecionistas” (LOPES, 2017) de colecionismo de imagens fotográficas na região do Vale do Mamanguape – PB se constituem e se transformam, enfocamos diferentes perspectivas arquivísticas e comunicacionais, ao reconhecermos as complexidades (e potencialidades) narrativas das fotografias inseridas em coleções particulares (biográficas e familiares) e acervos públicos institucionais (universitários).

Partindo da perspectiva dialógica e compartilhada do Grupo de Pesquisa Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários (AVAEDOC), vinculado ao Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), nosso objetivo é compreender as múltiplas racionalidades e subjetividades envolvidas no processo de constituição e divulgação de acervos fotográficos de interesse antropológico, tanto públicos quanto privados, destacando o interesse antropológico por estas coleções de visualidades, na medida em que esses arquivos agregam (de acordo com o olhares a eles direcionados), polifonias narrativas e memórias situadas, divergentes ou convergentes, que podem se constituir como “marcações coletivas” do poderíamos chamar de um patrimônio imagético da região do litoral norte da Paraíba.

Ao longo deste percurso, buscamos mapear a rede de colecionadores de fotografias locais e os fluxos/circuitos (físicos e digitais) que percorrem essas imagens, a partir de uma mirada sobre os sujeitos/agentes e as tecnologias (e suas respectivas infraestruturas)

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

associadas à prática do colecionamento fotográfico. Logo, buscamos realizar uma cartografia que identifique sujeitos colecionadores, investigando como seus acervos visuais são formados, mantidos e compartilhados ao longo do tempo. Além disso, no transcorrer do estudo, abordaremos as reverberações sensíveis e políticas dessas práticas colecionistas quando associadas à construção de narrativas visuais emergentes em Rio Tinto - PB, reconhecendo a vivacidade desses acervos fotográficos e a multiplicidade de usos e sentidos atribuídos a essas imagens, por diferentes detentores, tais como memorialistas locais, antigos fotógrafos, operários aposentados da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT) e seus descendentes, entre outros narradores.

Ademais, discutimos como as práticas de devolução, compartilhamento e restituição de imagens, no formato de exposições etnofotográficas, validam o ato da curadoria compartilhada como uma estratégia dialógica, criativa, ética e responsável, de produção e divulgação científica em Antropologia Visual, nos permitindo reconsiderar criticamente as tradicionais lógicas de acervo, expografia e salvaguarda etnográficos, assim como refletir sobre o papel do antropólogo visual nesse contexto.

2. Uma trajetória intelectual entre fluxos de colecionamento de imagens e a construção de narrativas etnofotográficas

Escrevo sobre o universo das coleções, porque desde muito jovem tenho um envolvimento afetivo com a prática de coleta de objetos e fotografias, de modo que sempre fui um entusiasta de coleções de antiguidades, tendo um apego por cartões telefônicos e postais, além de moedas e selos antigos (especialmente durante minha infância, de modo que estas coleções seguem habitando alguma das gavetas de armário na casa de meus pais, em Porto Alegre-RS). Os álbuns fotográficos também sempre foram objetos de fascínio para mim, no sentido acolhedor, por reunirem reminiscências de família, que são mobilizadas nas reuniões cuja finalidade é ver fotografias antigas e contar histórias, rememorando acontecimentos marcantes para as pessoas ali presentes.

Quando meu avô, Casemiro Rapkiewicz, foi a óbito, em 2011, antes de sua casa ser alugada, em Caxias do Sul - RS, cada um dos irmãos de meu pai ficou com alguns dos objetos pessoais do falecido patriarca. Minha tia, Clevi Rapkiewicz, ficou com um álbum de fotografias preto e branco, contendo inúmeros registros familiares, lembranças de casamentos, aniversários e outros eventos significativos do meu lado paterno.

Em 2010, ao ingressar no ensino superior, foi mediante a concessão de uma bolsa de iniciação científica, que associei-me à equipe do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

iniciando uma trajetória de aprendizados neste segmento disciplinar que se perpetua até hoje. Assim, apresento-me enquanto pesquisador interessado no tema, já tendo alguma trajetória reflexiva nestes campos de discussão, na medida em que durante a graduação e o mestrado, durante quase 10 anos de engajamento, dediquei-me ao estudo do fenômeno da memória ferroviária no sul do Brasil, com enfoque para as práticas colecionistas e expográficas de imagens (RAPKIEWICZ, 2018; 2020). Neste contexto de campo etnográfico, fui estagiário e prestador de serviços do Museu do Trem de São Leopoldo – RS, entre 2012 e 2017, inteirando-me das práticas museológicas de arquivamento e exposição de imagens.

Valorizei muito esta oportunidade, tendo em vista que sempre gostei de visitar museus de diferentes linguagens; históricos, artísticos, etnográficos, comunitários, de ciência e tecnologia, entre outros. As minhas primeiras experiências de contato com estes espaços foram a partir da escola e do estímulo familiar. Na infância, com os passeios familiares, e depois na adolescência, com as idas mais espontâneas, acabei adquirindo uma particular curiosidade e o hábito de frequentar estes espaços, onde, pelo acúmulo de informações disponíveis, fantasiava pequenas histórias em minha cabeça, imaginando “cenas” e eventos históricos, por exemplo, mediadas pelos formatos e conteúdos das exposições museográficas.

Quando imaginamos estes lugares, a partir do senso comum, usualmente associamos os museus ao passado, quando, paradoxalmente, é no tempo presente em que coexistem, a reprodução de obsoletas narrativas coloniais sobre o passado e a emergência de outras escritas, históricas e etnográficas, mais plurais, éticas e representativas. Neste contexto, vale destacar o vigor das transformações da/na Antropologia e na Museologia, ciências que têm adquirido novos contornos e sentidos para seus praticantes e suas audiências, ao passo em que atualizam-se as políticas científicas dessas áreas, induzidas pelas pautas de luta dos diferentes movimentos sociais organizados. (Apenas para citar alguns, movimento negro, indígena, LGBTQI+, entre outros)

Os museus estão repletos de imagens, coleções fotográficas e de objetos que são alvo de nossa curiosidade, e, por conseguinte, evocadores de diferentes abordagens e direcionamentos de olhares/preocupações no âmbito da Antropologia contemporânea. Na maioria das vezes, o espectador comum diante de uma exposição museográfica, provavelmente desconhece o percurso dos artefatos e fotografias ali presentes. (Isso também ocorre na publicação de fotos antigas nas redes sociais e sites, por exemplo) A exposição, como um meio de comunicar narrativas situadas, é viabilizada por uma ramificada infraestrutura curatorial, que mobiliza e ordena peças e fotografias dos acervos institucionais

com o objetivo de narrar eventos de seu interesse, ou uma cronologia de acontecimentos a partir de um visão particular sobre os fatos, direcionando o olhar do espectador/frequentedor sobre o fenômeno apresentado. O exemplo apresentado, aponta para as possíveis associações e paralelismos entre as práticas etnográficas e expográficas, que em particular, na área da Antropologia Visual, possuem uma zona de intersecção abrangente.

Sobre a mencionada infraestrutura curatorial, apontamos para o caráter contínuo de escolhas que afunilam-se em um resultado narrativo que apresenta-se ao público. As formas de representação evocadas por uma exposição podem ser agenciadas/acionadas colaborativamente de muitas maneiras, como, por exemplo, desde um regime de co-autoria com detentores e artistas, entre outros interlocutores.

O antropólogo, neste sentido, aproxima-se do curador, ao passo em que, no registro de suas descrições etnográficas, e com base no seu repertório de observações e vivências, destaca alguns desses fragmentos e os organiza em narrativas coerentes, substancilizando suas interpretações e o diálogo com a literatura antropológica. O antropólogo visual, em particular, busca realizar através das suas coleções de imagens, por meio de experimentações com fotografias e vídeos, por exemplo, formas de comunicar suas produções para além dos círculos acadêmicos e restituir, de alguma forma, os dados de pesquisa para os interlocutores com os quais interage.

Introduzi estes comentários, para situar que no âmbito institucional do Museu do Trem me aproximei de ferroviários aposentados, centrando-me na figura destes interlocutores que, além de serem ex-trabalhadores, narradores e colecionadores, eram lideranças de projetos de memória coletiva do grupo. Neste percurso acompanhei as trajetórias de Hélio Bueno da Silveira (79 anos) e de Paulo Nilton de Carvalho (87 anos), aliado ao gesto de colecionar antropologicamente orientado pelos encontros etnográficos, de modo a desenvolver a noção de *etnocolecionismo*:

[...] uma prática de colecionamento engajado, motivada por finalidades coletivas, de conotação pública e política. Assim, a categoria que pretende horizontalizar a prática do antropólogo colecionador ao dos interlocutores (também colecionadores) emerge enquanto classificação de uma motivação (e negociação) subjacente ao ato de colecionar. Etnocolecionadores, logo, seriam aqueles que compõem narrativas e reúnem materiais temporais, através do acúmulo de experiências, papéis e objetos [...] (RAPKIEWICZ, 2018, p. 143–144).

Concebeu-se a ideia de um tipo específico de colecionamento, que vai além do simples acúmulo de objetos, envolvendo um engajamento mais profundo e motivado por finalidades coletivas, com uma dimensão pública e política, que visa identificar e reconhecer uma motivação implícita compartilhada pelos colecionadores, que vai além do mero interesse

pessoal ou estético. A introdução desta categoria busca equalizar a prática do antropólogo colecionador, com a dos interlocutores locais, que também são, em alguma medida, colecionadores ao passo em que são agentes que coletam e preservam imagens. O termo "etnocolecionadores" é apresentado para descrever aqueles que participam desse tipo de colecionamento engajado, como sujeitos que não se restringem a acumular "coisas", mas também constroem narrativas e reúnem materiais que refletem e documentam experiências temporais, incluindo além de objetos, papéis e documentos antigos, outras formas de evidências em suportes imagéticos, em especial as fotografias.

Essa abordagem ressalta a importância de entender o colecionamento fotográfico não apenas como uma atividade individual, mas como uma prática culturalmente situada e contextualizada, que pode desempenhar um papel significativo na construção e preservação da identidade cultural e de memórias coletivas de grupos sociais, além da produção e compartilhamentos de conhecimentos antropológicos em uma perspectiva visual. Por este viés, as coleções efetivam-se enquanto dispositivos dinâmicos que envolvem materialidades, mas também dimensões do imaginário, incluindo abstrações, afetividades e afetações.

No doutorado, ao interessar-me particularmente pelo colecionamento de imagens fotográficas, minha hipótese é de que (em conformidade os ensejos de José Rogério Lopes), apesar de estarem intimamente associadas ao ciclos de vida e a cognição de seus detentores, as fotografias, além de sua dimensão material, reúnem conteúdos e subjetividades que as projetam para além da identidade narrativa (RICOEUR, 1994) de seus colecionadores. Dessa forma, estes acervos fotográficos merecem uma interpretação mais aprofundada que busque evidenciar, a partir de uma perspectiva abrangente, como essas imagens podem ser reapropriadas e compartilhadas no contexto de práticas e projetos de memória coletiva em Rio Tinto-PB.

Logo, é partir da consulta uma literatura antropológica crítica, que abordamos os paralelismos entre a escrita etnográfica, coleções museológicas e a linguagem fotográfica, buscando estabelecer um diálogo propositivo para se pensar sobre autoria e a ética no âmbito da produção e compartilhamento de narrativas etnográficas com o uso de imagens, direcionando nosso olhar para os conceitos de arquivo, curadoria, montagem e exposição.

Nesta direção, vale destacar que nosso interesse sobre as coleções fotográficas, mobiliza muitos dos apontamentos que a antropóloga Olivia da Cunha (2004, 2005) elaborou sobre as potencialidades de combinar pesquisa de campo e pesquisa em arquivos, enriquecendo a compreensão dos contextos históricos e culturais estudados, permitindo-nos produzir narrativas e memórias a partir de imagens e vozes do passado, evocando questões do

presente e promovendo reflexões sobre a constituição dos saberes antropológicos. Levando isso em conta, temos a oportunidade de reinterpretar e reproduzir narrativas sobre fatos, pessoas, coisas e lugares de forma inovadora, alterando o olhar informado por narrativas consagradas e autorizadas. Nesta direção, a autora destaca o potencial para incitar a produção de novas narrativas não apenas sobre o passado convertido em documento, mas também sobre o presente, tornando-o relevante para novas leituras e encontros.

Essas potencialidades destacam a riqueza e a complexidade envolvidas em uma pesquisa etnográfica dos arquivos, evidenciando a importância desse tipo de abordagem para a produção de conhecimento antropológico e histórico. Neste sentido, o antropólogo-colecionador assume uma postura de reunir para preservar e comunicar imagens, baseadas em categorias e palavras-chaves, que evidenciam as interfaces entre relatos orais, textualidades e as fotografias.

A direção epistemológica que rumamos é a de descolonizar a antropologia, os museus e as coleções etnográficas. Isso não é negar a ancestralidade conflituosa e violenta da disciplina, mas apontar, a partir das críticas, para uma antropologia aplicada, na esperança de que a mesma esteja sempre e cada vez mais a serviço das comunidades e suas demandas mais sensíveis, e portanto complexas, que socialmente emergem, entre as quais destacamos o fenômeno das memórias coletivas e as formas de representação da alteridade nos discursos históricos e antropológicos.

4. Rio Tinto - PB: da descoberta através das imagens (de arquivo), a etnografia de rua na cidade universitária

Aqui falo de Rio Tinto, minha amada terra natal, município brasileiro do litoral norte paraibano, localizado a 52 km de João Pessoa-PB.

Fundada por Frederico João Lundgren que, juntamente com seu irmão Arthur Herman Lundgren, ambos naturais de Pernambuco, desbravou a terra que pertencia ao município de Mamanguape e construiu a Fábrica de Tecidos Rio Tinto, inauguradas em 1924, e a Vila Operária, originando essa cidade.

Rio Tinto possui uma área de 466 km² e uma população estimada em 24.088 habitantes (IBGE 2018). Parte de seu território, precisamente a Vila Monte-Mor, é identificada e demarcada pela FUNAI como pertencente aos índios Potiguara.

Caracteriza-se como uma cidade tranquila e boa para se morar, com histórias marcantes, atrativos turísticos, construções em estilo europeu, reservas ambientais, cultura indígena, belas praias, universidade, muita tradição e um povo trabalhador e hospitaleiro.

Trago, neste livro, não apenas suas histórias, mas crônicas e contos, ressaltando curiosidades e as mais cativantes lembranças que, para os que vivenciaram, são tempos inesquecíveis. Para os mais novos, torna-se uma canção ecoada do passado, no resgate dos laços de amor por esta Cidade. A obra deixa lições aprendidas e guarda a nossa memória histórica para não perdermos a nossa identidade rio-tintense.

Neste pedacinho de chão, estão minhas raízes!

(Antônio Luis da Silva - Contracapa do livro *Rio Tinto, meu recanto paraibano* - 2019)

Tomei conhecimento da existência do município de Rio Tinto-PB, a distância, em 2014, logo após concluir a graduação em Ciências Sociais na UFRGS. Em uma conversa com a professora Cornelia Eckert, sobre meu interesse em realizar o mestrado acadêmico em Antropologia no Nordeste, prontamente fui sugerido a me informar sobre Rio Tinto na Paraíba e as pesquisas sobre acervos fotográficos de João Martinho Braga de Mendonça. Em uma breve diálogo, Chica comentou que havia visitado a cidade há pouco tempo, e que um novo curso de graduação de Antropologia havia sido aberto na região, por meio da instalação de um campus universitário nas dependências de uma antiga fábrica têxtil. Neste mesmo ano, de última hora, me inscrevi para o processo seletivo do PPGA da UFPB, mas acabei ingressando na pós-graduação, apenas no ano seguinte, em Porto Alegre no PPGAS/UFRGS.

Naquela ocasião, dei seguimento a pesquisa etnográfica realizada junto aos ferroviários aposentados do sul do Brasil, que havia sido iniciada em 2010, no âmbito da graduação. Por sua vez, em 2017, o Navisual organizou um seminário com a presença de expositores convidados, entre os quais João Martinho, que apresentou o filme “Passagem e Permanência: 7 de Setembro em Rio Tinto”, oportunidade em que visualizei Rio Tinto pela primeira vez, através de um filme etnográfico que retrata a memória do desfile de Independência na localidade (realizado anualmente no dia 7 de Setembro). O filme etnográfico, dedicado à memória do colecionador de fotografias Juarez Calixto de Oliveira, apresenta imagens de acervo e narração de três colecionadores e fotógrafos locais: Toinho, Naldo Felix e Hildebrando. A produção audiovisual foi resultado de uma etnografia com enfoque privilegiado para as imagens fotográficas de acervo, conforme consta na cartela de abertura do filme: “Nesta etnografia as imagens fotográficas são a base principal: elas provocam as falas que percorrem diferentes significados de pelos menos três atos fundamentais: participar, fotografar e colecionar.”

A cidade de Rio Tinto - PB e as diferentes nuances das memórias coletivas na região do Vale do Mamanguape, já foram objetos de diversas pesquisas acadêmicas a partir da Antropologia Visual, fomentadas sobretudo, a partir de 2006, quando foi instalado o Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), engendrando uma nova dinâmica urbana a partir do fluxo de professores universitários e estudantes de graduação na região do Vale do Mamanguape - PB. Neste sentido, a instalação do campus universitário resultou em um grande volume de investigações etnográficas sobre a memória do trabalho e a “presença” da fotografia na localidade (entre outros assuntos), desenvolvidas, sobretudo, no âmbito de iniciativas extensionistas e de iniciação científica, das quais nos debruçamos sobre aquelas realizadas por pesquisadores(as) vinculados(as) ao AVAEDOC.

Ao realizar um levantamento prévio de algumas dessas produções em antropologia visual, retifica-se o engajamento dos professores e estudantes do grupo de pesquisa com o território em que está inserida a universidade pública, promovendo o papel social da instituição de ensino superior, pautada no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Evidencio a presença da universidade, pois foi minha porta de entrada na cidade, seja através da do projeto “Inventários fotográficos e preservação digital de coleções antropológicas na Paraíba e no Rio Grande do Sul” (financiado pelo Funarte em 2021), seja em decorrência do vínculo de professor substituto no campus entre 2021 e 2022 e a atual condição de pesquisador vinculado ao PPGA/UFPB.

O projeto mencionado, tratou-se de intercâmbio de experiências com pesquisador José Muniz Falcão Neto, envolvendo a parceria entre o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS) e ao Grupo de pesquisa Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários (AVAEDOC/UFPB). O projeto em questão teve por horizonte temático a inventariança e a preservação de acervos fotográficos digitais de interesse antropológico a partir da apresentação e abordagem de algumas práticas da Antropologia Visual e da Imagem, com ênfase na experiência dos núcleos de pesquisa mantidos por duas universidades federais situadas, respectivamente, na Paraíba e no Rio Grande do Sul.

Estas fotografias foram produzidas por diferentes gerações de fotógrafos(as), antropólogos e antropólogas visuais e pesquisadores(as) de imagens que passaram por estes núcleos. A relevância social destas produções e a amplitude de contextos representados, tais como o cotidiano de indígenas, quilombolas, comunidades religiosas, rurais, grupos citadinos e as transformações urbanas legitimam a demanda de preservação desses acervos fotográficos e suas transposições para meios digitais. Além disso, no contexto presente, as fotografias são produzidas já em formato digital, a gestão destes novos acervos digitais implica, pois, na adoção das tecnologias eletrônicas e informáticas como instrumentos de preservação, catalogação e distribuição de imagens. Assim, ao apresentarmos o histórico destes acervos e núcleos de pesquisa, bem como as suas diretrizes metodológicas e conceituais, acompanhadas pelo relato das práticas de digitalização e preservação de suas coleções de fotografias, buscamos compor uma bibliografia básica e acessível sobre a antropologia visual e acervos fotográficos. Trata-se, dessa maneira, de evidenciar as contribuições da antropologia aos vários campos de produção, conservação e preservação fotográfica no Brasil, sejam em termos de fotografias históricas, mais antigas, ou contemporâneas, com base em acervos mantidos em universidades públicas situadas em duas regiões diferentes (Nordeste e Sul).

No caso da Paraíba, sediado na cidade Rio Tinto no campus IV da UFPB, nos centramos no processo de organização e preservação digital de acervos fotográficos vinculados ao AVAEDOC. Enquanto um repositório público de fotografias antigas e contemporâneas do Vale do Mamanguape, seus acervos fotográficos estão armazenados na reserva técnica do Laboratório de Antropologia Visual ARANDU. O acervo é composto por coleções de imagens produzidas, reunidas ou digitalizadas no contexto de pesquisas antropológicas, com coleções e fundos documentais recebidos a partir de interlocuções diversas: Os fundos documentais intitulados “Secretaria Municipal de Cultura de Rio Tinto” e ‘Hildebrando Domingos’ são alguns dos exemplos de materiais reunidos para pesquisar e armazenar (digitalizar quando é o caso) para futuras consultas e disponibilização às comunidades locais interessadas.

A experiência docente, assim como o projeto, foi integralmente transcorrida no formato online, em decorrência da pandemia. Naquela oportunidade, as aulas remotas, em especial da disciplina de introdução a fotografia (ministrada entre Agosto e Dezembro de 2021), também foram interessantes na medida em que a proposta de trabalho final era organização de um expografia etnofotográfica, contemplando a roteirização das saídas de campo para registro fotográfico, a curadoria de imagens, e montagem de um croqui expositivo e catálogo das respectivas exposições. Assim, a maioria os alunos realizaram trabalhos cuja ambiência era o território do litoral norte da Paraíba, me colocando frente a imagens que passaram a compor meu repertório visual sobre o território, que até aquele momento era bastante limitado.

Já no âmbito da experiência do doutorado, com residência instalada em João Pessoa em 2022, passei a frequentar a cidade de Rio Tinto de forma mais assídua, sobretudo no acompanhamento das atividades do AVAEDOC, em especial, as reuniões quinzenais que ocorrem no Laboratório Arandu. A 4ª Mostra Arandu de Filmes Etnográficos e a organização de uma oficina sobre o uso de imagens e práticas expográficas em Antropologia Visual também me colocou em contato direto com os acervos do núcleo e a possibilidade de realizar algumas incursões pelas ruas da localidade e encontro presencial com possíveis interlocutores do município.

De antemão, podemos destacar alguns de nossos potenciais interlocutores, com ênfase para os(as) antigos fotógrafos(as) e memorialistas locais (operários que atuaram na indústria têxtil, que está instalada na cidade desde 1924), tendo conhecimento prévio dos acervos fotográficos destas naturezas por meio de pesquisas associadas ao Grupo de Pesquisa Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários – (AVAEDOC),

(MENDONÇA, 2012; 2014; FALCÃO NETO, 2019; DONATO, 2017).

O município, que também sedia o Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), se desenvolveu em torno da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT). (...). E é até hoje morada de muitos ex-funcionários da fábrica. (DONATO, 2017, p. 24).

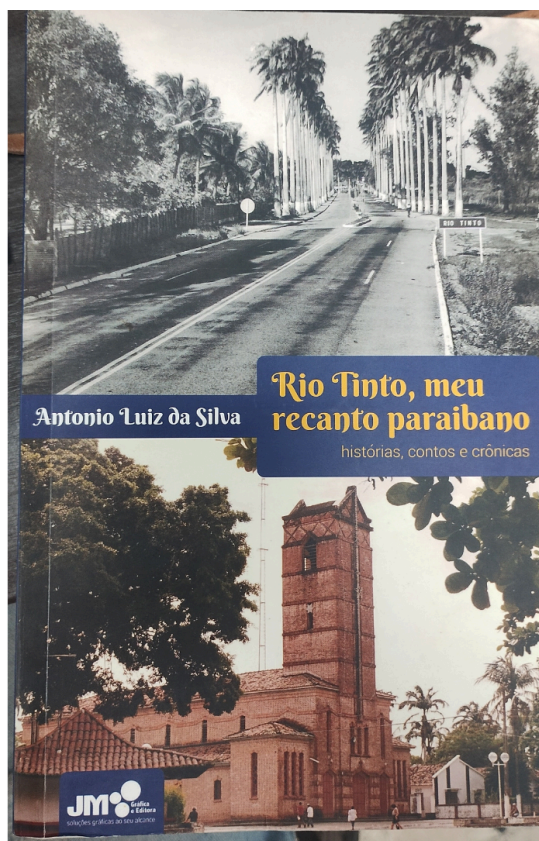
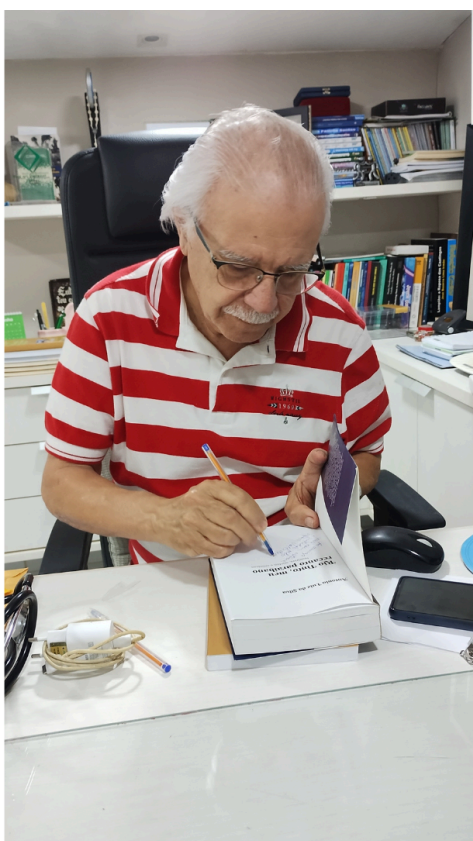
A pesquisa mapeia os fluxos de colecionamento (físicos e digitais) dessas imagens e os sujeitos-colecionadores de fotografias locais, investigando como seus acervos visuais são formados, mantidos e compartilhados. Esse mapeamento revela as reverberações sensíveis e políticas das práticas colecionistas, especialmente na construção de narrativas visuais emergentes em Rio Tinto - PB. Entre os detentores das coleções estão memorialistas locais, antigos fotógrafos e operários aposentados da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT), bem como seus descendentes e outros narradores. Com base nestas trajetórias colecionistas, buscamos compreender as diferentes formas como essas imagens são agenciadas ao reconhecer a vivacidade e os circuitos percorridos por essas coleções e a multiplicidade de usos e sentidos atribuídos às imagens colecionadas, por diferentes sujeitos.

Em particular, dialogamos até o momento com dois interlocutores, a saber Hildebrando Domingos (77 anos) e Dr. Antônio Luiz da Silva (75 anos), ou doutor Toinho, como é popularmente conhecido no local. O primeiro é um tradicional fotógrafo de Rio Tinto, Hildebrando, natural de Rio Tinto, destacando que iniciou sua trajetória na fotografia a partir da adolescência, (aproximadamente em 1962, 1964) na cidade de Mamanguape, onde atuava como ajudante, e que em pouco tempo, passou a atuar como fotógrafo em Marcação e Baía da Traição, localidades interioranas em que havia menos concorrência e conseguiu firmar melhor sua clientela. Neste sentido, o interlocutor destaca que a sua chegada nesses espaços configurava-se como verdadeiros eventos pela comunidade local, pois tratava-se de uma novidade, as fotografias eram um objeto de desejo das famílias locais. Ainda hoje possui um estúdio fotográfico no mercado público da cidade, onde atua como fotógrafo e editor de imagens e guarda seus instrumentos de trabalho e acervos imagéticos produzidos ao longo de mais de cinquenta anos de profissão.

O conteúdo de seus acervos, abarca registros fotográficos de eventos sociais (sobretudo de aniversários e casamentos) bem como paisagens urbanas e litorâneas, já que a fotografia de paisagens é um hobby de Hildebrando, que organiza banners com imagens da região, comercializando os mesmos para turistas e moradores locais. O fotógrafo aponta que nunca realizou uma exposição fotográfica, mas que teria interesse em realizar uma mostra pública com “suas melhores fotografias” que retratam as memórias e transformações dos locais representados.

Por sua vez, o segundo interlocutor cuja aproximação foi estabelecida trata-se de Antônio Luiz da Silva, médico e escritor, autor do livro de memórias intitulado “Rio Tinto, meu recanto paraibano: histórias, contos e crônicas”, publicado em 2019. A motivação para organizar a publicação surgiu a partir do estímulo de amigos, após Dr. Toninho dedicar-se ao portal www.riotintopb.com.br, quando começou a se entusiasmar, ainda mais pelas histórias de Rio Tinto. Dr. Toninho, como é popularmente conhecido no município, diz que o livro que “estava fazendo muito sucesso”, e a título de exemplo, relatou ter recebido uma correspondência de seis páginas manuscritas de um homem que havia lido o mesmo e se emocionado.

Figura 1: A esquerda, Dr. Antônio assinando uma dedicatória do seu livro de memórias de Rio Tinto - PB (capa do livro à direita).



Além do livro, que reúne farta documentação e material fotográfico, provenientes das pesquisas e coleções de Dr. Antônio, este colecionador também organizou uma exposição de rua com a temática dos 50 anos de Rio Tinto, na praça João Pessoa, convidando Hildebrando para produzir algumas das fotografias que foram utilizadas naquela ocasião.

Estes interlocutores apresentam-se como exemplos de sujeitos que se reconhecem como colecionadores e que reúnem acervos fotográficos e participam de redes de sociabilidade à partir de suas coleções de fotografias, que modo que buscamos observar como se constituem, com base nestas trajetórias biográficas, os “quadros de experiência colecionistas” (LOPES, 2017, p. 19) das memórias coletivas região, de forma a compreender “[...] como se formam, como formam os indivíduos e como projetam os indivíduos além de si mesmos [...]” (LOPES, 2017. p.19). Logo, desejamos enfatizar o:

[...] protagonismo de indivíduos e grupos na constituição contemporânea de coleções de forma viva e dinâmica, como resultado de interações sociais e processos comunicacionais que possuem agência e elegem aspectos do passado tidos como importantes de serem destacados, de acordo com as identidades e interesses dos componentes do grupo [...] (LOPES, 2017: 13).

Seguindo neste percurso, identificamos que as coleções fotográficas estão intimamente ligadas à “identidade narrativa” (Ricoeur, 1991) destes(as) colecionadores que mobilizam as fotografias como bens de marcação individual de seus ciclos de vida, também projetando estes materiais como bens de marcação coletiva, (com potencial patrimonial) na contemporaneidade, na medida em que compartilham essa imagens em diferentes circuitos, ensejando discursos sobre as transformações urbanas e a memória social do trabalho na região (entre outros temas).

Em contraponto a esses interlocutores privilegiados, muitas vezes as fotografias reunidas repousam em álbuns familiares e caixas que são poucas vezes manipuladas, no entanto, no momento em que são encaradas como dados etnográficos, e tornam-se acessíveis aos pesquisadores mediante o consentimento de seus detentores, o(a) antropólogo(a) pode organizar suas próprias coleções de pesquisa, conceitualmente orientadas por diretrizes antropológicas. Neste sentido, a composição de coleções etnográficas engendra uma atividade preservacionista de fotografias e outros materiais documentais de interesse antropológico que dizem respeito às memórias urbanas e de trabalho operário da região do Vale do Mamanguape-PB, neste caso, salvaguardadas no âmbito dos fundos e acervos de pesquisa do AVAEDOC.

Neste sentido, também observamos os espaços físicos e virtuais (CESARINO, 2022) de agenciamento, por onde circulam as imagens, na medida em que, em certas oportunidades, as mesmas se emancipam de suas fontes originais e alcançam “o mundo” de forma complexa e incontrolável, através da rede mundial de computadores, desvinculando-se, muitas vezes, de seus referentes (Barthes, 1984; Achutti, 1997). Logo, ao identificar coleções fotográficas em contextos de acervos pessoais e institucionais, pretendemos organizar exposições etnofotográficas, físicas e digitais, seguindo os preceitos da curadoria e autoria colaborativas

com os(as) interlocutores(as), como estratégia dialógica de restituição dos resultados de pesquisa e divulgação científica.

As coleções fotográficas dos(as) interlocutores(as), somadas ao interesse de pesquisa acerca das memórias urbanas e de trabalho na região, apresentam-se como instrumentos para a construção de narrativas e memórias polifônicas sobre o Vale do Mamanguape. Nesta perspectiva, a coleção etnográfica desta pesquisa se apresentará como resultado de uma etnografia, a partir das interações e itinerários do antropólogo em diálogo com os interlocutores-colecionadores.

Assim, ao contextualizarmos o papel do antropólogo enquanto constituidor de coleções etnográficas, observamos a centralidade da fotografia e das coleções de imagens, enquanto dispositivos éticos e estéticos da pesquisa social que, por um lado, são acionados na interlocução com os sujeitos pesquisados e, por outro, podem ser amplamente utilizados como meios eficazes de divulgação científica, reunindo, “[...] elementos de temporalidades diversas com a finalidade de narrar, etnograficamente, finitudes, reinícios, continuidades e resiliências [...]” (RAPKIEWICZ, 2018, p. 43).

4. Aportes reflexivos sobre dialogar, restituir e compartilhar em uma pesquisa antropológica com e a partir de imagens

O conceito de dialogismo na antropologia é influenciado por abordagens que valorizam o diálogo e a interação entre diferentes vozes, perspectivas e discursos. Este enfoque considera a produção do conhecimento antropológico, da escrita e das narrativas etnográficas como resultados de interações complexas e dinâmicas, possibilitadas pelos encontros entre pesquisadores e pesquisados. Atualmente, esta abordagem é essencial na antropologia, considerada uma premissa básica da área, que conflui a partir das ideias desenvolvidas por intelectuais como James Clifford, George Marcus, Johannes Fabian, Marilyn Strathern entre tantos outros.

Neste debate, James Clifford, especialmente em "Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography" (1986), coeditado com George Marcus, criticou as práticas tradicionais de escrita etnográfica e defendeu uma abordagem mais reflexiva e dialógica a ser aplicada à disciplina, argumentando que as representações da escrita etnográfica (e por extensão, nos referimos a outras grafias etnográficas) deve reconhecer a polifonia, a multiplicidade de vozes e a natureza colaborativa do processo de pesquisa (aqui reafirmamos nosso interesse particular naquelas pesquisas e narrativas que são produzidas com e a partir de imagens). A promoção da ideia de uma etnografia mais reflexiva foi bastante incentivada

por Marcus e Clifford, ao defenderem que os etnógrafos devem engajar-se em diálogos contínuos com seus interlocutores, reconhecendo a coautoria no âmbito das narrativas etnográficas que substancializam o conhecimento antropológico. A crítica à autoridade etnográfica, portanto, é central em suas propostas, pois questiona a posição de poder do antropólogo na representação das culturas estudadas

No campo das representações no texto etnográfico, Johannes Fabian, em "O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto/ The Time and the Other: How Anthropology Makes Its Object" (2013[1986]), contribuiu significativamente para a discussão sobre dialogismo na antropologia ao criticar a maneira como os antropólogos tradicionalmente concebem e representam o tempo em relação aos "outros" que estudam. Fabian argumenta que a antropologia convencional frequentemente coloca as culturas estudadas em um tempo diferente, um "tempo do outro", criando uma distância temporal artificial que impede um verdadeiro diálogo. Neste sentido, ele apresenta a "teoria da coetaneidade", focada nas mediações ideológicas dos discursos científicos, a partir dos usos do tempo na literatura e na teorização antropológica sobre a alteridade, propondo uma abordagem que enfatiza a co-presença e a contemporaneidade, onde o antropólogo e os sujeitos de estudo compartilham um mesmo tempo e espaço, permitindo uma interação mais equitativa entre as partes.

Fabian (2013), reconhece que a "aliança da antropologia com as forças de opressão não é nem simples nem recente (...), (FABIAN, 2013, p. 40), de modo que essa associação está presente na literatura e manifesta-se nas práticas de pesquisa de campo e escrita etnográficas, até mesmo na atualidade, corroborando para a imagem da "reivindicação da antropologia ao poder originado em suas raízes." (FABIAN, 2013, p. 39).

Marilyn Strathern, no artigo "Os limites da auto antropologia" (2014), aborda as dinâmicas/relações de poder e a forma como organizamos o conhecimento antropológico sobre nossa própria sociedade, através dos processos de interlocução e escrita etnográficos. Ela destaca a importância da reflexividade, que é a prática dos pesquisadores refletirem criticamente sobre seu próprio papel e influência no processo de pesquisa, bem como sobre as condições e contextos que moldam a produção do conhecimento antropológico. Assim, ao produzirmos uma antropologia propositiva, realizamos uma espécie de exame de autoconsciência acerca das práticas e valores que balizam os fazeres disciplinares com enfoque para as pesquisas e narrativas etnográficas realizadas com e a partir de imagens. Esta consciência crítica e reflexividade deve resultar em formas criativas e eficientes de colecionismo e restituição: [...] não me refiro à devolução da informação da forma como ela

foi oferecida, mas ao processamento antropológico do “conhecimento” informado por conceitos que também pertencem à sociedade e à cultura estudadas [...] (STRATHERN, 2014, p. 135).

Nestes termos, o tema da restituição torna-se preeminente, sendo interessante trazer as contribuições de Soraya Fleischer (2002) ao debate. Em artigo recente, a autora realizou “um balanço bibliográfico sobre o tema da devolução numa literatura antropológica contemporânea identificando os termos mais utilizados e os consensos mais estabelecidos na área.” (FLEISCHER, 2022, p. 06), de modo que mobiliza reflexões interessantes sobre o tema, que apresenta “reverberações éticas, metodológicas, políticas e teóricas” (FLEISCHER, 2022, p. 07). A autora destaca que algumas áreas se destacam nesse debate sobre a devolução dos dados de pesquisa etnográfica, entre as quais a Antropologia Visual, do patrimônio e da saúde.

Sobre os termos que são utilizados de formas contumaz, destaca que “devolver”, “retornar”, “compartilhar”, “restituir”, “divulgar” e “transmitir” têm sido empregados de forma intercambiável (sem necessariamente que os mais “novos” suplantem os antigos) para denominar a preocupação e o gesto de apresentar e/ou socializar os dados de uma pesquisa, em especial para/com os interlocutores/grupos com quais interagimos de forma mais próxima no decorrer do processo etnográfico.

Ainda sobre sua aplicação, a autora afirma que “parece mais importante o que é feito a partir deles” (FLEISCHER, 2022, p. 08), do que propriamente uma revisão mais aprofundada sobre os mesmos, embora apresente de forma breve uma ideia geral associada a cada um deles. Neste sentido, contextualiza, em diálogo com a literatura mobilizada, que durante muito tempo “retornar” foi o termo mais utilizado, e que, no esteio das revisões propostas no âmbito da disciplina, “compartilhamento”, passou a ser utilizado a partir da influência da antropologia compartilhada de Jean Rouch e suas apropriações derivadas.

“Compartilhar” quer dizer “construir as imagens junto com eles” (RIAL, 2014, p. 202; ABALOS JR.; RAPKIEWICZ, 2019, p. 2). Mais do que isso, a proposta de Rouch (2003, p. 44 apud GUÉRIOS, 2015, p. 119) tem efeitos epistemológicos, “[...] uma nova relação seria estabelecida entre pesquisadores e pesquisados: o julgamento do trabalho do antropólogo seria feito [...] não mais por comitês de teses, mas pelas próprias pessoas que o antropólogo saiu para observar [...]” (GUÉRIOS, 2015, p. 119; FLEISCHER, 2015, p. 2.652). (FLEISCHER, 2022, p. 08)

O último termo, trata-se da restituição, sobre o qual a autora situa que:

Já “[...] restituição é um termo novo no vocabulário da Antropologia audiovisual brasileira, do francês, restitution. [...] Embora a palavra seja nova, a ideia não o é” (RIAL, 2014, p. 201-202). “Restituição aparece relacionada a outros sentidos como reparação, entrega, devolução e ressarcimento” (ABALOS JR.; RAPKIEWICZ, 2019, p. 2). Restituir é entendido como devolver (RIAL, 2014, p. 202), “[...]”

devolução aparece como algo a se ‘dar em troca’ aos nossos interlocutores” (ABALOS JR.; RAPKIEWICZ, 2019, p. 2). Devolver e restituir talvez sejam mais unilineares e menos dialógicos (da pesquisadora à interlocutora) do que compartilhar (a pesquisadora com a interlocutora). (FLEISCHER, 2022, p. 08)

Logo, um dos aspectos que emerge no horizonte dessa discussão, trata-se da necessidade de uma maior simetria nas relações de interlocução entre pesquisadores e pesquisados, ambos sujeitos cognoscentes, em uma orientação dialógica de construção do conhecimento antropológico, capaz de reconhecer nossos interlocutores como nossos coetâneos (FABIAN, 2002), na medida em que vivem o mesmo “momento histórico” e são autores que engendram formas próprias de colecionamento fotográfico e narrativas sobre o presente, ou seja: “[...] a pesquisa atual precisa contemplar, em suas finalidades e em seu método, o caráter situacional e dialógico do trabalho etnográfico, que se constitui, primariamente, em um processo de comunicação [...]” (PACHECO OLIVEIRA, 2013, p. 65). Este ponto vai de encontro às considerações de Strathern (2014), que problematiza as noções de “exploração” dos sujeitos pesquisados e o “sequestro da autoria como dado etnográfico”, por parte dos antropólogos(as), que constroem textos majoritariamente voltados para o público acadêmico.

Na antropologia, a reflexividade é crucial porque reconhece que os antropólogos não são observadores neutros e distantes, mas participantes ativos no campo de estudo, e que dinâmicas de poder atravessam, a todo instante, os encontros etnográficos e o estabelecimento de relações de pesquisa. Os antropólogos trazem consigo suas próprias perspectivas, valores e preconceitos, assim como os interlocutores com os quais interagem. Por meio da reflexividade, os antropólogos tentam mitigar esses impactos, tornando explícitas suas próprias posições e analisando como estas podem afetar suas interações com os participantes da pesquisa e os resultados obtidos, o que também implica uma consciência das dinâmicas de poder entremeadas na relação dos pesquisadores e pesquisados, promovendo uma postura ética que respeita e valoriza as vozes e perspectivas êmicas.

No âmbito dessa discussão, Gabriel Noel, nos apresenta uma perspectiva sobre o pesquisador enquanto um sujeito moral, que no âmbito da pesquisa etnográfica se depara com inúmeros dilemas éticos, aos quais o autor define como situações “que põem em questão nosso universo moral de forma tal que exige de nós uma resposta (ainda que a resposta possa ser a não ação). (NOEL, 2011, p. 128). Outro argumento relevante do autor, trata-se de denominar a ética como um empreendimento dialógico, porém assimétrico, entre o(a) antropólogo e os sujeitos pesquisados, que coloca em contato “pessoas com epistemologias e sistemas morais, em maior ou menor medida divergentes” . (NOEL, 2011, p. 126)

Na antropologia visual, a reflexividade e o dialogismo são conceitos interligados que desempenham papéis fundamentais na produção e interpretação de acervos imagéticos, coleções fotográficas, bem como de filmes etnográficos. A reflexividade na antropologia visual envolve a prática dos antropólogos reconhecerem e explicitarem suas próprias influências, perspectivas e responsabilidades no processo de produção, salvaguarda e compartilhamento de imagens. Isso pode incluir a escolha de temas, ângulos de câmera, técnicas de edição, formas e expografia e a interação com os sujeitos representados visualmente. Ao adotar uma abordagem reflexiva, os antropólogos visuais se esforçam para ser transparentes sobre como suas próprias posições e contextos afetam o produto final, promovendo uma abertura ao diálogo que reverbera em formas de representação mais éticas e representativas dos grupos estudados.

O dialogismo, por sua vez, enfatiza a importância do intercâmbio entre diferentes vozes e perspectivas na construção do conhecimento antropológico e das narrativas etnográficas. Na antropologia visual, isso se traduz na prática de envolver os participantes não apenas como sujeitos passivos, mas como colaboradores ativos no processo de pesquisa etnográfica e nas interpretações e compartilhamentos de imagens. Esse diálogo contínuo permite que as vozes dos participantes sejam significativamente incorporadas, garantindo que suas perspectivas, histórias e significados sejam apresentados de maneira mais equilibrada e representativa.

O cineasta e antropólogo Jean Rouch, pode ser aqui mais uma vez mobilizado, na medida em que trouxe contribuições fundamentais para o movimento de uma antropologia visual dialógica e compartilhada, especialmente através de sua técnica de "cinema verdade" e sua prática de "antropologia compartilhada". Em filmes como "Crônicas de um Verão" (1961), Rouch trabalhou em estreita colaboração com os sujeitos participantes, permitindo que suas vozes e perspectivas moldassem substancialmente a narrativa. Assim, operacionalizou a introdução métodos participativos, onde os interlocutores não eram mais tratados como meros objetos de observação, mas coautores do filme, protagonizando papéis ativos na direção e na interpretação das imagens. Essa abordagem compartilhada de Rouch revolucionou a maneira como as culturas são representadas visualmente, promovendo uma relação mais equitativa e dialogada entre o antropólogo e as comunidades estudadas.

Na perspectiva de uma antropologia visual dialógica e compartilhada, as formas de colecionar e exibir imagens também assumem um papel central. A coleta de imagens não é mais vista como um processo unilateral onde o antropólogo detém todo o controle, mas como um esforço colaborativo que envolve ativamente os participantes da pesquisa na construção

de narrativas etnográficas. Isso implica convidar os interlocutores a contribuírem com suas próprias fotografias, vídeos e narrativas visuais, permitindo que suas perspectivas e experiências sejam representadas de maneira multifacetada.

Essa abordagem na coleta de imagens também considera o contexto e as condições em que as imagens são capturadas, salvaguardadas e expostas. O antropólogo visual deve trabalhar em estreita parceria com os participantes para decidir quais aspectos de suas vidas e culturas devem ser documentados, como devem ser representados e que significados essas imagens carregam. Esse processo enriquece a nossa compreensão cultural por meio das imagens, empoderando os participantes ao lhes conceder um papel ativo na autoria da construção de seu próprio registro visual.

Quando se trata de exibir essas imagens, a perspectiva dialógica e compartilhada promove práticas de curadoria que também refletem as vozes e as escolhas dos participantes. As exposições de fotografias e filmes etnográficos, por exemplo, são desenvolvidas em parceria com as comunidades, garantindo que a forma como as imagens são apresentadas e interpretadas respeite e valorize seus contextos culturais e sociais. Isso pode incluir a organização de exposições em locais acessíveis às comunidades retratadas, a inclusão de comentários e explicações dos próprios participantes, e a utilização de formatos interativos que convidem o público a engajar-se ativamente com o material.

Além disso, a exibição de imagens pode aproveitar plataformas digitais e redes sociais para alcançar um público mais amplo, facilitando o diálogo entre diferentes culturas e promovendo uma compreensão intercultural mais profunda. Essas plataformas permitem que as comunidades participem continuamente na curadoria e interpretação de suas próprias representações visuais, criando um espaço para intercâmbios.

Em resumo, na antropologia visual dialógica e compartilhada, colecionar e exibir imagens se tornam práticas proeminentes, através do engajamento ativo dos interlocutores participantes na coleta e apresentação de imagens, de modo que os antropólogos visuais promovem uma representação mais equitativa e respeitosa das culturas estudadas (e apresentadas) em suas etnografias, reforçando os princípios de diálogo, transparência e colaboração no campo antropológico.

5. Considerações Finais:

Este trabalho etnográfico, ancorado na investigação das práticas e fluxos de colecionamento de imagens em Rio Tinto - PB, revela as complexidades e potencialidades das narrativas fotográficas, tanto em coleções particulares quanto em acervos institucionais.

Ao abordar a construção dos "quadros de experiências" de colecionismo fotográfico na região do Vale do Mamanguape, identificamos múltiplas racionalidades e subjetividades envolvidas nesse processo. A perspectiva dialógica e compartilhada do Grupo de Pesquisa Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários (AVAEDOC) tem sido fundamental para compreender e valorizar as diversas vozes e memórias situadas que emergem dessas coleções, constituindo um patrimônio imagético significativo para a região.

O estudo encontra-se em fase de realização, de forma que o futuro mapeando a rede de colecionadores locais e os fluxos de circulação das imagens, destacam as tecnologias e infraestruturas associadas ao colecionamento fotográfico. Este estudo pretende revelar como os acervos visuais são formados, mantidos e compartilhados, sublinhando a importância das práticas colecionistas na construção de narrativas visuais e na preservação da memória coletiva. As diversas vozes, desde memorialistas locais até antigos operários da Companhia de Tecidos Rio Tinto, enriquecem nossa compreensão antropológica e histórica. A prática de devolução, compartilhamento e restituição de imagens, através de exposições etnofotográficas, valida-se a curadoria compartilhada como uma estratégia ética e responsável na produção e divulgação científica em Antropologia Visual.

A trajetória intelectual deste trabalho, marcada por um envolvimento afetivo e acadêmico com coleções e práticas museológicas, ressalta a necessidade de descolonizar a antropologia, os museus e as coleções etnográficas de imagens. Propomos uma antropologia aplicada, a serviço das comunidades e suas demandas sensíveis e complexas, que promova uma compreensão mais profunda das memórias coletivas e das representações da alteridade. Este estudo espera contribuir para uma antropologia mais inclusiva e representativa, capaz de ressemantizar velhas técnicas de coleta de dados, escrita e divulgação científica, a partir de um viés crítico e inovador com e a partir das imagens.

Referências bibliográficas

ABALOS JÚNIOR, José Luis.; RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie. Práticas de colecionamento e restituição: notas para um colecionismo ético. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 1-16, dez. 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/7013>>. Acesso em: 21 out. 2021. ISSN 1981-3341

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo, 1997. 212 p. ISBN 978-85-86225-04-8

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova

Fronteira, 1984. ISBN 85-209-0480-7

CESARINO, Letícia. **O Mundo do Aveso. Verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CLIFFORD, James. 2016 [1986]. “Introdução: Verdades parciais.” A escrita da cultura: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ, p31-61.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/XYzjLRvbTLVNnfsZVMJTYgf/?lang=pt>>. Acesso em: 21 out. 2021. E-ISSN 1678-4944

CUNHA, Olívia. 2005. **Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, pp. 07-32.

DONATO, Eduardo. **Os operários do Barão: um diálogo sobre imagens, memórias e condições de existência do operariado brasileiro a partir do caso de Rio Tinto no século XX**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Aplicadas e Educação/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas**. Brasília: ABA, 2015. 196 p. ISBN 978-85-87942-34-0

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavisual. 2013a. 256 p. ISBN 978-85-61965-16-7

FABIAN, Johannes. **A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação**. Entrevista • Mana 12 (2) • Out 2006

FALCÃO NETO, José Muniz. **Etnografias das memórias cinematográficas no vale do Mamanguape**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Aplicadas e Educação/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019.

FLEISCHER, Soraya. **“Ciência é Luta”**: devolução das pesquisas sobre o Vírus Zika em Recife – PE. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 24, n. 3, e84126, p. 5-27, setembro de 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p. ISBN 978-85-88208-74-2

LOPES, José Rogerio. **Colecionismo, arquivos pessoais e memórias patrimoniais**. Porto Alegre: CirKula, 2017. 151 p. ISBN 978-85-67442-82-2

MENDONÇA, João Martinho Braga de. Ética, oralidade e pesquisa fotográfica. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p. 85-100, jul./dez.

2012. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/37033>>. Acesso em: 21 out. 2021. E-ISSN 1984-1191

MENDONÇA, João Martinho Braga de. Pesquisa fotográfica e fílmica no litoral norte da Paraíba. In: FERRAZ, Ana Lúcia de; MENDONÇA, João Martinho de. (Org.). **Antropologia Visual: Perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília: ABA, 2014. Disponível em:
<http://www.aba.abant.org.br/files/119_00126706.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021. ISBN 978-85-87942-25-8

NOEL, Gabriel D. **Algunos dilemas éticos del trabajo antropológico con actores implicados en actividades delictivas**. In Ankulegi: revista de antropología social. Vol. 15. 2011

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA: 2013, p. 47-74.

RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie. **Cidades, patrimônios e etnocolectores**: uma etnografia das reminiscências ferroviárias no sul do Brasil. 197 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182798>>. acesso em: 21 out. 2021.

RAPKIEWICZ, Yuri Schönardie. Etnocolectonismo em imagens: reminiscências e durações ferroviárias no Rio Grande do Sul. **Fotocronografias**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 54-71, 2020. Disponível em:
<<https://medium.com/fotocronografias/etnocolectonismo-em-imagens-reminisc%C3%Aancias-e-dura%C3%A7%C3%B5es-ferrovi%C3%A1rias-no-rio-grande-o-sul-b69e6e64aabb>>. Acesso em: 21 out. 2021. E-ISSN 2595-3559

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 201-212, jul./dez. 2014. Disponível em:
<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/4879#:~:text=O%20texto%20trata%20dos%20desafios,significados%20do%20conceito%20de%20restitui%C3%A7%C3%A3o.>>. Acesso em: 21 out. 2021. ISSN 2318-9576

RICOEUR, Paul. O si mesmo e a identidade narrativa. In: _____. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papius, 1991, p. 167-198. ISBN 85-308-0136-9

SILVA, Antonio Luiz. **Rio Tinto, meu recanto paraibano - histórias, contos e crônicas**. Rio Tinto, PB: JM Gráfica e Editora Ltda. 540 p., 2019

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, ISBN 978-85-40504-67-7

